

Língua Brasileira de Sinais - Libras

**Margarida Maria Teles
Verônica dos Reis Mariano Souza**



**São Cristóvão/SE
2010**

Língua Brasileira de Sinais - Libras

Elaboração de Conteúdo
Margarida Maria Teles
Verônica dos Reis Mariano Souza

Projeto Gráfico e Capa
Hermeson Alves de Menezes

Diagramação
Neverton correia da silva

Instrutora de Libras
Tânia Mara dos Santos Sampaio

Revisora
Elizangela Maria de Goes Silva

Copyright © 2010, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

**FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Teles, Margarida Maria
T269I Língua brasileira de sinais - Libras / Margarida Maria Teles,
Verônica dos Reis Mariano Souza. -- São Cristóvão: Universidade
Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

1. Língua brasileira de sinais. 2. Libras. I. Souza, Verônica dos
Reis Mariano. II. Título.

CDU 81'221.24(81)

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-coordenador da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias (Diretora)
Hérica dos Santos Mota
Iara Macedo Reis
Daniela Souza Santos
Janaina de Oliveira Freitas

Núcleo de Avaliação

Guilhermina Ramos (Coordenadora)
Carlos Alberto Vasconcelos
Elizabeth Santos
Marialves Silva de Souza

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais

Giselda Barros

Núcleo de Tecnologia da Informação

João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza

Coordenação de Cursos

Djalma Andrade (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy

Núcleo de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Coordenadores de Curso

Denis Menezes (Letras Português)
Eduardo Farias (Administração)
Haroldo Dorea (Química)
Hassan Sherafat (Matemática)
Hélio Mario Araújo (Geografia)
Lourival Santana (História)
Marcelo Macedo (Física)
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria

Edvan dos Santos Sousa (Física)
Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)
Janaina Couvo T. M. de Aguiar (Administração)
Priscilla da Silva Góes (História)
Rafael de Jesus Santana (Química)
Ronilse Pereira de Aquino Torres (Geografia)
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)
Vanessa Santos Góes (Letras Português)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)
Arthur Pinto R. S. Almeida
Carolina Faccioli dos Santos
Cassio Pitter Silva Vasconcelos
Edvar Freire Caetano

Isabela Pinheiro Ewerton
Lucas Barros Oliveira
Neverton Correia da Silva
Nicolás Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1	
Visão Histórica da Língua Brasileira de Sinais.....	07
AULA 2	
Língua Brasileira de Sinais.....	15
AULA 3	
Tipos de empréstimos linguísticos e o sistema pronominal	23
AULA 4	
Escrita da língua de sinais e o sistema de transcrição em Libras.....	35
AULA 5	
Estrutura gramatical da LIBRAS.....	51
AULA 6	
Estrutura gramatical da LIBRAS (nível morfológico, semântico e pragmático).....	75
AULA 7	
Sintaxe da LIBRAS : verbos e tempos verbais.....	83
AULA 8	
Legislação e ensino de Libras	97
AULA 9	
Sistema de numeração em LIBRAS.....	103
AULA 10	
Surdez, educação e inclusão social	111

VISÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

META

Discutir alguns pontos relevantes na história da evolução da Língua de Sinais.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

analisar comparativamente as diferentes abordagens educacionais no processo de educação das pessoas surdas.



OI!

INTRODUÇÃO

A história da Língua de Sinais está implícita na concepção de educação das pessoas surdas ou deficientes auditivas, influenciadas por médicos e religiosos num contexto político e sociocultural, ao longo dos séculos. De acordo com Russo e Santos (1993): Deficiência auditiva pode ser definida como a redução ou perda total da capacidade de detecção do som de acordo com padrões estabelecidos pela American National Standards Institute (ANSI, 1989), expresso pelo Zero audiométrico (0 dB NA (Db-decibéis, NA-nível de audição)), refere-se aos valores de níveis de audição que correspondem à média de detecção de sons em várias frequências, por exemplo: 500 Hz, 1000 Hz, 2000 Hz e 3000Hz. Considera-se, em geral, que a audição normal corresponde à habilidade para detecção de sons até 25 dBNA e a surdez quando a perda de audição é profunda (maior que 91 dB NA), incapaz de desenvolver a linguagem oral.

Durante a antiguidade até o século XV, os deficientes auditivos foram tratados como seres primitivos, incompetentes e imperfeitos, castigados pelos Deuses. Sendo assim, como consequência eram abandonados, excluídos dos direitos sociais e não podiam ser educados. Nesse período, era comum a eugenia, ou seja, eliminação das pessoas deficientes, mal-formadas ou as muito doentes, para controle social, visando a melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente.

As primeiras controvérsias em relação à forma de comunicação dos surdos ou deficientes auditivos são evidenciadas pelas afirmações de Aristóteles o qual acreditava que o pensamento só seria concebido através da palavra falada, negando aos deficientes auditivos a possibilidade de instrução. “[...] Ensina que os que nasciam surdos, por não possuírem linguagem, não eram capazes de raciocinar [...]” (SOARES,1999,p.17). Enquanto Sócrates (em 360 a.C.), declarou que “era aceitável que os Surdos comunicassem com as mãos e o corpo”(Ibid., p 18). Vale ressaltar o pensamento de Santo Agostinho que acreditava que “os Surdos podiam comunicar por meio de gestos, que, em equivalência à fala, eram aceitos quanto à salvação da alma”, mas, foi John Beverley (700 d.C.) que ensinou um surdo a falar pela primeira vez, considerado como o primeiro educador de surdos.

Somente a partir da Idade Moderna que começou a se distinguir surdez de mudez, surgindo indícios das três abordagens filosóficas na educação dos surdos: o gestualismo (uso de sinais), o oralismo (língua na modalidade oral, “fala/som”) e o método combinado (sinais, treino da fala e leitura labial). Essas abordagens utilizadas pelos primeiros educadores serviram inicialmente para ensinar filhos dos nobres a conseguirem privilégios legais. (LACERDA, 1998).

Segundo Soares (1999) e Moura (2000), a seguir, se encontram descritas as principais abordagens filosóficas e seus respectivos defensores:

ABORDAGENS	DEFENSORES
<p>Treinamento da Fala (fala/som) ou oralismo: defende o aprendizado da língua oral, com o objetivo de aproximar os surdos ao máximo possível do modelo ouvinte.</p>	<p>Gerolamo Cardano (Médico Italiano, 1501-1576): Interessou-se mais pelo estudo do ouvido, nariz e cérebro, escreveu a condução óssea do som. Segundo ele, a escrita poderia representar os sons da fala e do pensamento e a surdez não alterava a inteligência.</p> <p>Juan Pablo Bonet (Espanhol. 1579-1629): Baseado nos trabalhos de León, escreveu sobre as maneiras de ensinar os surdos a ler e a falar por meio do alfabeto manual e proibia o uso da língua gestual.</p> <p>Johann Conrad Ammam (Médico Suíço, 1669-1724): Defensor da leitura labial; com o uso de espelhos, descobriu a imitação dos movimentos da linguagem, como também a percepção através do tato das vibrações da laringe. Considerava que a fala era uma dádiva de Deus e fazia com que a pessoa fosse humana e que o uso da língua gestual atrofiava a mente.</p> <p>Sammuel Heinicke (Alemão, 1729-1790): Fundou uma escola de surdos, em Edimburgo (a primeira escola de correção da fala da Europa); ensinou vários surdos a falar, criando e definindo o método hoje conhecido como Oralismo; edificou a primeira escola pública para deficientes físicos. Segundo ele, o pensamento só é possível através da língua oral. (fala/som)</p> <p>Alexander Graham Bell (Cientista Escocês, 1847-1922): Era grande defensor do oralismo e opunha-se à língua gestual e às comunidades de surdos, uma vez que as considerava como um perigo para a sociedade. Foi professor de surdos em Londres e desenvolveu a metodologia denominada “fala visível”.</p> <p>Jacob Rodrigues Pereira (Francês, 1715-1780): Era o maior opositor do Abade L’Epeé, usava gestos, mas defendia a oralização dos surdos, iniciou o trabalho de desmutização por meio da visão e do tato.</p>

<p>Método Combinado ou Bimodal: defende o uso da língua oral, língua de sinais, treinamento auditivo, leitura labial e o alfabeto digital, entre outros recursos.</p>	<p>Pedro Ponce de León (Monge Espanhol, 1520-1584): Iniciou a história sistematizada de educação dos surdos. Fundou uma escola para professores de deficientes auditivos e desenvolveu uma metodologia de educação que incluía leitura e escrita, treinamento da fala e o alfabeto manual.</p> <p>Thomas Hopkins Gallaudet (Prof. Americano, 1837-1917): Era opositor ao oralismo puro, defendia os sinais metódicos do Abade De L’Epee; fundou a escola de Hartford para surdos, em abril de 1817. Gallaudet e seu filho Edward Miner Gallaudet, instituíram nessa escola a Língua Gestual Americana com o método combinado, inglês escrito e o alfabeto manual. Em 1857, a escola passou a ser Universidade Gallaudet.</p>
<p>Língua Gestual (hoje Língua de Sinais): considerada importante veículo de aquisição de conhecimento, comunicação e organização do pensamento no desenvolvimento da pessoa surda.</p>	<p>Charles Michel de L’Épée (Abade Frances, 1712-1789): Criador da língua gestual (língua de sinais), criou os “sinais metódicos”. Reconheceu que essa língua existia e se desenvolvia entre grupos de surdos, embora não fosse considerada uma língua com gramática, mas, com características linguísticas apoiada no canal visual-gestual. Fundou o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em Paris (primeira escola pública de surdos do mundo).</p>

Após a Revolução Francesa e durante a Revolução Industrial (séc. XVIII), a disputa tornou-se mais acirrada entre os métodos oralista e os baseados na língua gestual. No Congresso de Milão (1880) instituiu-se o oralismo como filosofia oficial de educação dos surdos, nesse período o ensino da língua gestual passou a ser proibido nas escolas em toda a Europa.

Logo, o oralismo espalhava-se para outros continentes e, em consequência disso, tornou-se a abordagem mais priorizada na educação dos surdos, durante fins do século XIX e grande parte do século XX. De acordo com Lacerda (1998), os resultados de muitas décadas de trabalho nessa linha não mostraram grandes sucessos. O processo de aquisição da fala era parcial e tardio em relação aos ouvintes, comprometendo o desenvolvimento global dos surdos.

No ano de 1960, Willian Stokoe publicou artigos demonstrando que a American Sign Language - Língua de Sinais Americana-ASL - possuía características semelhantes às da língua oral. Nessa mesma década, Doraty

Schifflet, professora e mãe de deficiente auditivo, utilizou o método que combinava língua de sinais associada à língua oral, treinamento auditivo, leitura labial e o alfabeto digital denominado “Total Approach”, traduzido para “Abordagem Total” ou “Comunicação Total”. Embora esta tenha apresentado avanços, a maioria dos surdos não conseguiram atingir níveis acadêmicos compatíveis (idade/série), pois os sinais apenas representavam recursos de auxílio da fala e não comprovavam desenvolvimento linguístico. (LACERDA, 1998).

Na década de 1970, a Suécia e a Inglaterra observaram que os deficientes auditivos utilizavam em momentos distintos a oralização e a língua de sinais, originando a filosofia bilíngue, ou seja, a utilização pelos surdos da língua de sinais como primeira língua (L1) e, como segunda, a língua majoritária do seu país (L2). Logo, expandiu-se na década seguinte para todos os países esse tipo de educação que se contrapõe aos modelos oralistas e à comunicação total, advogando que cada língua deve manter suas características próprias.

A HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL

No Brasil, a história da Língua de Sinais teve início com a fundação, em 1857 do Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente denominado INES-Instituto Nacional da Educação de Surdos. O professor surdo, Ernest Huet, veio da França a convite de Dom Pedro II e trouxe o “método combinado”, sendo o currículo constituído por língua portuguesa, aritmética, linguagem articulada e leitura sobre os lábios, entre outras.

Em 1862, Huet deixa o Instituto e em seu lugar assume Dr. Manuel de Magalhães Couto (1862-1868) que, não tendo conhecimento a respeito da educação de surdos, não prosseguiu com o trabalho educacional, levando o Instituto a ser considerado um asilo de surdo em 1868. Nesse mesmo ano, foi nomeado o Dr. Tobias Leite (1868-1896) para a direção do instituto, restabelecendo o aprendizado da linguagem articulada e da leitura dos lábios.

Na gestão da professora Ana Rímoli de Faria Dória (1896), influenciada pelo Congresso de Milão, o Instituto adotou oficialmente o método oralista puro e implantou o primeiro Curso Normal de Formação de Professores para Surdos. A primeira turma formou-se em 1954, com 52 alunas/professoras, de oito Estados brasileiros que disseminaram o método oral no país. (SOARES,1999. p.90).


Na década de 1970, após visitar a Universidade Gallaudet, nos Estados Unidos, a professora de surdos Ivete Vasconcelos retorna ao Brasil trazendo a filosofia da “Comunicação Total”. Linguistas brasileiros, como a professora Lucinda Ferreira Brito, começam a se interessar pelo estudo da Língua de Sinais atribuindo o nome de Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB). Entretanto, em 1994, após discussão com a

comunidade Surda, Brito passa a utilizar a abreviação LIBRAS para designar a Língua Brasileira de Sinais que passou a ser legalmente reconhecida através da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, como língua própria da comunidade de surdos do Brasil, servindo como meio legal de comunicação e expressão.

CONCLUSÃO


No Brasil, os prós e os contras na história da LIBRAS são reflexos das posições tomadas no mundo sobre a educação das pessoas surdas. Observa-se que, atualmente, na educação dos surdos coexistem as três filosofias. Cabe ressaltar que a implantação e uso da Comunicação Total, apesar de ter ocorrido em um breve período, é o mais presente no cotidiano escolar devido à ausência de formação dos profissionais numa filosofia bilíngue.

RESUMO



A história da Língua de Sinais está implícita na educação das pessoas surdas. Da antiguidade até o século XV, não podiam ser educados. Era comum a prática da eugenia. Foi na Idade Moderna que começou a se distinguir surdez de mudez, surgindo indícios das três filosofias: oralismo, método combinado ou comunicação total e linguagem gestual. No séc. XVIII, com o Congresso de Milão (1880), instituiu-se o Oralismo como filosofia oficial de educação dos surdos que permeou o século XIX e meados do século XX. Em 1960, Willian Stokoe publicou pesquisas sobre a Língua de Sinais Americana-ASL, afirmando que ela possuía características semelhantes às da língua oral. No Brasil (1857), o INES-Instituto Nacional da Educação de Surdos traz, a convite Dom Pedro II, o professor Francês Ernest Huet, com o “método combinado”. A professora Ana Rímoli de Faria Dória, influenciada pelo Congresso de Milão, adotou no instituto método oralista e implantou o primeiro Curso Normal de Formação de Professores para Surdos. A Professora Ivete Vasconcelos retorna dos Estados Unidos com a “Comunicação Total. No entanto, linguistas como a professora Lucinda Ferreira Brito inicia estudos da Língua de Sinais Brasileira-LIBRAS que passou a ser reconhecida oficialmente através da Lei nº 10. 436 de 24 de abril de 2002, considerada um marco para a comunidade surda brasileira.

PRÓXIMA AULA



Discorreremos sobre a história da evolução da Língua de Sinais no mundo e suas implicações na educação dos surdos. Assim, na próxima aula discutiremos sobre Língua Brasileira de Sinais.

ATIVIDADES

1- Com base no texto, faça uma análise comparativa entre as diferentes abordagens educacionais, oralismo, comunicação total e bilinguismo, no processo evolutivo da língua de sinais.



Filme: E Seu Nome é Jonas (And Your Name Is Jonah (TV Film) – USA/1979, é ensinada a língua de sinais para criança surda sair do isolamento.)

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Secretaria de Educação Especial Deficiência auditiva, Volume I** / organizado por Giuseppe Rinaldi et al. - Brasília: SEESP, 1997. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em 15 set. 2009.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Edusp/ MEC, 2001.

LACERDA, Cristina B. F. de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. In: _____. Cad. CEDES. 1998, vol.19, n°. 46.

LEIS, DECRETOS E PORTARIAS. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907. Acesso em: 15 set. 2009.

MOURA, Maria Cecília. **O SURDO: Caminhos para uma Nova Identidade**. Rio de Janeiro: Revinter. 2000.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A Educação dos Surdos no Brasil**. Campinas/SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: EDUSEF, 1999.

VILELA, Genivalda Barbosa. **Histórico da Educação Surdo no Brasil**. Disponível em www.feneis.com.br. Acesso em: 11 mai. 2009.